

POLÍTICA ECONÔMICA

Santos lidera campanha contra recessão

Entidade suprapartidária faz, com sucesso, campanha em Santos e economistas intensificam as críticas à política de Marcílio

GLEISE DE CASTRO e
ELAINE SABÓIA

A cidade de Santos, no litoral de São Paulo, levou à prática, com sucesso, sua própria teoria de retomada da atividade econômica. Comerciantes, Prefeitura e representantes de todos os segmentos sociais, reunidos na organização suprapartidária Fórum da Cidade, deflagraram na semana passada a campanha "Santos diz não à recessão, compre esta briga". A população comprou. Em apenas seis dias, as lojas da região central conseguiram aumentar em 15% suas vendas, usando um arsenal de atrações que incluiu de shows musicais e visitas a monumentos históricos aos tradicionais sorteios de prêmios, descontos nos preços e condições especiais.

Os lojistas admitem que o crescimento de vendas foi modesto, "mas se as vendas se mantivessem aquecidas nesse índice não teríamos recessão", ressalta o comerciante Ronaldo Serápicos Júnior. Para isso, com apoio do Fórum presidido pelo economista José Paschoal Vaz, vão estender a campanha a outros bairros e redobrar esforços para mudar o clima de desânimo e de falta de confiança do cidadão-consumidor.

Márcia Zoet/AE — 27/12/89

**Política equivocada**

Bresser: "Essa recessão é inútil e doentia porque não é consequência de uma política de ajuste fiscal"

A solução caseira de Santos, se não pode ser estendida simploriamente ao conjunto do País, representa mais uma evidência de que a sociedade intensifica a busca de uma saída para a política econômica que fez da recessão seu cavalo de batalha, impondo sacrifícios que economistas de diversas tendências consideram inútil. A recessão só produziria resultados efetivos, argumentam, se fizesse parte de uma ampla política de reformas estruturais, que reequilibrasse as contas públicas e permitisse uma abertura maior da economia, domando a inflação. A questão, notam, é se o atual governo, desgastado com a crise política, tem condições de empreender uma mudança profunda na política econômica.

Sem poder — Antonio Carlos Borges, superintendente técnico da Federação do Comércio do Estado de São Paulo, afirma que a equipe de Marcílio "sabe muito bem o que fazer" para sair do impasse. O que lhe falta, diz, é poder. "Marcílio está tolhido tanto pelo Executivo, que hoje não tem poder nenhum, quanto pelo Legislativo, que não é propenso a reformas." "A saída são reformas estruturais que, se não podem ser feitas pelo Executivo,

deveriam ser desenvolvidas pelo Congresso", afirma.

Impasse — "Recessão não é política, não há quem possa querer governar com esse objetivo", diz o ex-ministro da Fazenda Mailson da Nóbrega. Ela só pode ser considerada, nota, como consequência de uma política econômica que tenha por objetivo a estabilização da economia. "Infelizmente, pelas condições políticas, a atual equipe não está conseguindo os resultados desejados", diz.

Para Mailson, a culpa não é do ministro Marcílio. "O problema é que ele enfrenta uma situação de impasse, que impede a adoção de reformas estruturais." A mais importante, diz, é a reforma fiscal. Ele defende, a curto prazo, a proposta de uma reforma tributária de emergência, que permita ao Estado pagar suas dívidas com o dinheiro recolhido com mais impostos.

Faltam os benefícios — "Essa recessão é inútil e doentia", define o ex-ministro da Fazenda Luiz Carlos Bresser Pereira. Para ele, uma recessão só produz resultados quando é consequência de uma política de ajuste fiscal. "O custo é a recessão, mas o benefício é o equilíbrio das contas públicas, redução da inflação e estabilidade", explica. "Se isso não acontece", diz Bresser, "ficamos só com a recessão pela recessão." Ela poderia ser útil, lembra o ex-ministro, se a causa da inflação fosse excesso de demanda. Mas, segundo ele, as causas são outras — uma básica, que é o desajuste fiscal, e outra imediata, a inércia inflacionária.

Desastre imotivado — Para Claudio Contador, professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro e autor do boletim *Indicadores Antecedentes*, a política recessiva da ex-ministra Zélia foi "desastrosa e totalmente sem motivo", mas a adotada por Marcílio era inevitável. Isso porque, diz, o Estado não tinha como se financiar a não ser colocando no mercado títulos públicos com taxas elevadas. "Era isso ou uma inflação muito maior."

Com o aprofundamento da crise política, diz Contador, as alternativas que restam à atual equipe econômica, que já eram escassas, se estreitaram mais ainda. "A situação é dramática, porque se baixarem os juros, vai haver fuga de capitais para o Exterior", afirma. "Por isso, eles vão ter de continuar com a política de juros altos e aprovar alguma forma de aumento da arrecadação."

Economia Brasil